

PARADOXO: DO SABER AO APRENDER

Bruna Barbosa de Oliveira¹

Larissy Maria Rodrigues Simião²

Orientadora: Patrícia Caetano de Oliveira Anthony³

RESUMO

O presente artigo é o resultado do começo de uma jornada experienciada dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID, numa prática que buscou trabalhar as técnicas de improvisação de Viola Spolin e Augusto Boal até chegar à técnica do Teatro do Oprimido, e nesse traslado de idéias motivar os adolescentes distanciados da arte, por consequência de uma sociedade que aprisiona a mesma. O trabalho está sendo desenvolvido com estudantes dos primeiros e segundos anos do ensino médio, na instituição de ensino EEMTI Estado da Bahia.

A utilização dos jogos teatrais, método usado como forma de ensino igualitário e humano respeitando as limitações dos presentes e instigando neles o fazer teatral. Nos tempos difíceis que vivemos, sentimos a necessidade de levar um tema provedor de senso crítico-político com o T.O, e desta forma adotamos a abordagem proposta pela pioneira em arte-educação e educadora brasileira, Ana Mãe Barbosa (2010), a sistematizadora da Proposta Triangular, que por sua vez nos dilata o olhar à uma nova maneira de ensino e aprendizagem que busca acoplar a apreciação, a contextualização e a prática. Neste período em que lecionamos colocamos em prática oficinas e palestras que serviram de inspiração para o nosso executar das aulas. O desafio tem sido mútuo para manter uma conexão de diálogo acerca das diferentes realidades entre o acadêmico e o ensino básico. No entanto é notório o envolvimento do grupo e as discussões sobre utilidade pública, como identificar o opressor e o oprimido, diferenças entre as classes sociais na superação dos desamparos políticos. A nossa corrida busca criar estratégias que fortaleçam a idéia real de sairmos deste desamparo, tornar o não em sim e o sim em não. Todavia, essa tarefa não será possível de forma alguma se caminharmos sozinhas, precisamos seguir diariamente no aprofundamento do conhecimento, ter os ouvidos atentos às orientações dadas pela coordenação, reconhecer os erros e lutar com as armas que temos. Luta? Luta diária melhor dizendo! O enfrentamento das nossas limitações é o primeiro inimigo e colocar em prática

¹ Graduanda em Licenciatura em Teatro pela universidade Regional do Cariri (URCA).

² Graduanda em Licenciatura em Teatro pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atriz no Coletivo Dama Vermelha. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência-PIBID.

³ Mestre em Retórica de Artes pela Université de Pau et Pays de L'Adour - França. Possui especialização em ensino de arte na escola, Graduação em Educação Artística - habilitação: Artes Cênicas ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008 e 2010). É membro da Rede Brasileira de Teatro de Rua - RBTR e sócia pesquisadora da Associação Brasileira de Artes Cênicas - ABRACE. Integrante do grupo de artes Coletivo Fulô, atuando nas funções de coordenadora, atriz, e preparadora corporal bem como no núcleo de criação de projetos artísticos, com experiência na área de Artes, Arte-educação com ênfase em Teatro e Dança. Atualmente professora efetiva do CArtes -URCA, integrante dos Grupo de Pesquisa Dramaturgia e Encenação e Coordenadora do Projeto de Pesquisa Franc'art.

a teoria tem sido um verdadeiro general de guerra. No entanto nem concluímos ainda a nossa faculdade e já estamos combatendo tudo isso. Pois temos uma forte arma, à educação, em especial a ação movida pelas ferramentas artísticas que vem nos revestindo dia após dia.

O teatro como um dos meios de socialização e inclusão, tal como ressaltar a importância e a tenacidade do PIBID para os estudantes, que os oferece o ensejo em ampliar a cognição por meio das discrepantes linguagens, os fazendo experienciar e realizar suas habilidades e indagações, os alertando ainda dos disfarces presentes no atual (des) governo . Na conclusão das nossas atividades buscamos reunir todo o conteúdo que foi trabalhado durante o processo, finalizando na apresentação de uma cena, apoiada nos fragmentos textuais da obra Romeu e Julieta do dramaturgo e poeta inglês William Shakespeare, sugerido pelos próprios estudantes que tiveram autonomia e criatividade para ressignificar a obra a partir das improvisações e identificando-a à estética do teatro do oprimido.

Palavras-chave: Improvisação; Interação; Crítico-Político; Teatro do Oprimido.

¹ Graduanda em Licenciatura em Teatro pela universidade Regional do Cariri (URCA).

² Graduanda em Licenciatura em Teatro pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atriz no Coletivo Dama Vermelha. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência-PIBID.

³ Mestre em Retórica de Artes pela Université de Pau et Pays de L'Adour - França. Possui especialização em ensino de arte na escola, Graduação em Educação Artística - habilitação: Artes Cênicas ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008 e 2010). É membro da Rede Brasileira de Teatro de Rua - RBTR e sócia pesquisadora da Associação Brasileira de Artes Cênicas - ABRACE. Integrante do grupo de artes Coletivo Fulô, atuando nas funções de coordenadora, atriz, e preparadora corporal bem como no núcleo de criação de projetos artísticos, com experiência na área de Artes, Arte-educação com ênfase em Teatro e Dança. Atualmente professora efetiva do CArtes -URCA, integrante dos Grupo de Pesquisa Dramaturgia e Encenação e Coordenadora do Projeto de Pesquisa Franc'art.